

## A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE NOS POEMAS *LIÇÃO DE CASA* E *O MELHOR DO MEU AMOR* DE LUCIENE CARVALHO

**Ednaldo Saran**

(Universidade do Estado de Mato Grosso)

**Luciane Ferreira**

(Universidade do Estado de Mato Grosso)

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente artigo tem como objetivo analisar as representações do corpo feminino e da maternidade na poesia de Luciene Carvalho. Para tanto, foram selecionados os poemas <i>Lição de Casa</i> e <i>O Melhor do Meu Amor</i>, da obra <i>Na Pele</i> (2020), os quais abordam os desafios e significados da maternidade sob a perspectiva do amor e da dor social vivenciada por mulheres negras na contemporaneidade. A análise explora as práticas históricas e ideológicas que moldam os conflitos socioculturais em torno da posição da mulher negra e do direito à liberdade sobre seu corpo. Entende-se que a representação literária pode reforçar ou desconstruir estereótipos culturais sobre a maternidade das mulheres negras. Para essa análise, a base teórica inclui obras de Augel (2018), Beauvoir (1980), Badinter (2011), Bell hooks (2020), Carneiro (2003), Davis (2016) e Evaristo (2009). Nos poemas, Luciene Carvalho representa sua vivência por meio de laços familiares e ancestrais, destacando a importância da figura materna na construção da identidade, especialmente diante dos desafios impostos pela interseccionalidade de raça, gênero e cor para a mulher afrodescendente.</p>	<p>This article aims to analyze the representations of the female body and motherhood in Luciene Carvalho's poetry. To this end, the poems <i>Lição de Casa</i> and <i>O Melhor do Meu Amor</i>, from the poetry <i>Na Pele</i> (2020), were selected, which address the challenges and meanings of motherhood from the perspective of love and the social pain experienced by black women in contemporary times. The analysis explores the historical and ideological practices that shape sociocultural conflicts surrounding the position of black women and the right to freedom over their bodies. It is understood that literary representation can reinforce or deconstruct cultural stereotypes about black women's motherhood. For this analysis, the theoretical basis includes works by Augel (2018), Beauvoir (1980), Badinter (2011), Bell hooks (2020), Carneiro (2003), Davis (2016), and Evaristo (2009). In her poems, Luciene Carvalho represents her experience through family and ancestral ties, highlighting the importance of the maternal figure in the construction of identity, especially in the face of the challenges imposed by the intersectionality of race, gender and color for Afro-descendant women.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Luciene Carvalho; Literatura; Feminismo; Maternidade.	Luciene Carvalho; Literature; Feminism; Motherhood.

### INTRODUÇÃO

A literatura tem sido uma forma eficaz de expressar as vivências de mulheres que, historicamente, foram silenciadas ou marginalizadas, especialmente as mulheres negras. A escrita, para essas mulheres, transcende a mera expressão de experiências marcadas pela opressão de raça e gênero, configura-se como um espaço de resistência e, simultaneamente, um palco para expandir seus conhecimentos e modos de ver o mundo.

A Literatura Negra oferece um palco potente para a ancestralidade ecoar, ao mesmo tempo em que se ergue como trincheira contra as múltiplas opressões que atravessam a experiência de mulheres negras. Vozes ancestrais se unem à urgência de denunciar o racismo, o sexismo e o machismo que historicamente as marginalizaram. Essa literatura expõe as feridas da exclusão e as narrativas distorcidas que por séculos moldaram a percepção de corpos femininos negros, reivindicando suas verdadeiras histórias e identidades.

Na contemporaneidade, a literatura feminina negra emergiu como um espaço fundamental para a expressão e a visibilização das experiências únicas das mulheres negras. Ao romper com os estereótipos e representações unilaterais, as autoras negras oferecem uma perspectiva singular sobre a interseccionalidade de raça, gênero e classe. Como afirma Augel (2018),

A mulher negra brasileira ao escrever tematizando ela mesma a sua própria experiência, seus próprios problemas, suas angústias, necessidades e desejos, explicitando, de uma forma ou de outra, as marcas deixadas pela escravidão, pondo à nua a discriminação racial e social sentidas na própria pessoa e nos que lhe são próximos, denunciando sexismo e machismo, questionando a ligação amorosa entre negros e brancos, a dependência econômica, a desigualdade social, a emancipação feminina, integrando o ficcional e o documental, a escritora afro-brasileira está prestando uma relevante contribuição para corrigir e rever os mitos e estereótipos que estigmatizam a mulher negra, recompondo-se como pessoa (Augel, 2018, p. 22).

Conforme Augel (2018), a literatura de autoria negra feminina inaugura um divisor de águas na história literária brasileira, ao trazer à luz uma perspectiva inédita sobre a experiência de ser mulher e negra no Brasil. Rompendo com as narrativas hegemônicas, essas escritoras subvertem estereótipos arraigados e escancaram as intrincadas camadas da interseccionalidade entre raça e gênero. Impregnadas de suas vivências, as autoras negras tecem narrativas que desvelam as cicatrizes persistentes da escravidão e do patriarcado, impulsionando a emancipação feminina e exaltando a riqueza da cultura afro-brasileira.

Carneiro (2003) lança luz sobre a gênese da escrita negra feminina: antes de ser arte, ela pulsa como um veemente ato de resistência. Um levante textual contra as vozes que historicamente buscaram emudecer as multifacetadas experiências dessas mulheres. É no corpo vibrante desses escritos que a mulher negra finca sua presença no território literário, não como mera figurante, mas como agente transformadora, dismantando as estruturas narrativas da hegemonia branca.

Neste contexto a maternidade é um tema relevante na literatura feminina negra, por apresenta uma experiência dolorosa devido à história de separação de mães e filhos

durante a escravidão quando famílias eram brutalmente desmanteladas, com pessoas negras sendo tratadas como mercadorias. O peso do trauma histórico da escravidão ainda reverbera na experiência e na representação da maternidade para as mulheres negras. Longe de ser uma cicatriz apagada pelo tempo, ele se manifesta como uma sombra persistente que colore as vivências e as narrativas maternas.

No entanto, a maternidade também é vista como um lugar de resistência, esperança e luta na contemporaneidade, objetivando por um futuro melhor, no presente. As mães negras não são apenas vítimas de uma estrutura opressora, mas protagonistas, que, apesar das dificuldades, continuam lutando e reconstruindo uma nova história para si e seus filhos, na esperança de criá-los e protegê-los em um ambiente social de opressão racial, considerado uma herança de luta e superação, reconfigurando, assim, a dor de séculos de exploração.

Dessa forma, a maternidade na literatura negra representa tanto as marcas de um passado duro quanto a força e a esperança de criar histórias de emancipação e resistência, o que faz dessas histórias um campo de contestação e resiliência, especialmente contra a tentativa de apagamento histórico. A maternidade das mulheres negras está profundamente enraizada na tensão entre o desejo de proteger os filhos das violências do racismo e a inevitável constatação de que essa realidade é inescapável.

Davis (2016), na obra *Mulheres, raça e classe*, discute a exaltação ideológica da maternidade e a exclusão das mulheres escravizadas, o que mostra as condições desumanizantes nas quais as mulheres negras foram historicamente inseridas. Isso evidencia que, no século XIX, a concepção de maternidade idealizada pela sociedade ocidental branca não foi aplicada às mulheres negras escravizadas. Em vez de serem reconhecidas como mães, eram reduzidas à condição de reprodutoras, empregadas para aumentar a força de trabalho escravizada e o valor.

Segundo Davis (2016),

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular durante o século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não são realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo. Elas eram “reprodutoras” – animais, cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de multiplicar (Davis, 2016, p. 25-26).

A maternidade era percebida de forma distinta pelas mulheres escravas em relação às mulheres livres, especialmente no século XIX. Nessa época, a exaltação da maternidade era uma construção ideológica que estava ligada às mulheres brancas, logo, livres. Todavia, essa valorização não se aplicava às mulheres negras escravizadas, que, muitas vezes, tinham que se separar de seus filhos e não recebiam o devido

reconhecimento ou proteção materna.

A escravidão negava às mulheres negras o direito de exercer a maternidade de maneira plena, visto que os filhos eram considerados propriedade dos senhores e poderiam ser vendidos ou separados da mãe a qualquer momento. Essa realidade demonstra a desumanização das mulheres escravas e a forma como o sistema escravista distorce o conceito de maternidade

Ao longo da história literária, o tema da maternidade ecoa incessantemente, imerso em um idealismo que a proclama como a derradeira expressão da identidade feminina, como sugerido por Simone de Beauvoir (1980). Essa idealização coloca a mãe em um lugar de abnegação, pureza e amor incondicional, conceitos que, na maioria das vezes, foram moldados pela cultura patriarcal. A poesia contemporânea, especialmente aquela composta por mulheres negras, apresenta novas representações desse papel social.

Na obra *Na Pele* (2020) de Luciene Carvalho, a maternidade é representada tanto pelo amor e resistência, quanto pela dor e pelo sacrifício. O eu-poético questiona a ideia tradicional de uma mãe idealizada, apresentando uma realidade complexa e multifacetada, na qual a mulher deve lidar com as exigências da maternidade, a pobreza social e as desigualdades estruturais que afetam sua vida.

A maternidade, sob essa perspectiva, revela as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras em relação às suas ambições e desejos para assegurar a sobrevivência das suas famílias. Trata-se de um espaço de sacrifício constante, onde a mãe deve lutar para assegurar que seus filhos tenham uma perspectiva de futuro, mesmo diante de um cenário de opressão.

Luciene Carvalho, escritora e poetisa mato-grossense, não apenas se consagra como referência fundamental na literatura feminina produzida em seu estado, como também projeta sua voz e sua arte com notável influência no cenário literário nacional.

A autora, cujos primeiros versos ecoaram na intimidade do lar durante a infância, ascendeu à história ao se tornar a primeira mulher preta a ocupar a cadeira de número 31 na Academia Mato-Grossense de Letras (AML), empossada em 13 de agosto de 2015. Sua trajetória pioneira não se deteve aí: após 102 anos de fundação da entidade, ela também se tornou a primeira mulher negra a presidir a AML e, de forma inédita em âmbito nacional, a primeira mulher preta a liderar uma Academia de Letras no Brasil.

A obra *Na Pele* (2020) de Luciene Carvalho, é uma coletânea poderosa de 50 poemas, cuidadosamente estruturada em três partes, que mergulha nas multifacetadas experiências das mulheres negras no Brasil. A estrutura da obra desempenha um papel crucial na compreensão da profundidade e complexidade dos temas abordados, que abrangem desde a exploração do corpo feminino e a luta contra o racismo, busca por identidade e a conexão com a ancestralidade.

A primeira parte, *Navio Negreiro*, com 13 poemas, mergulha nas raízes da dor, explorando o racismo e as consequências da escravidão. A autora utiliza a metáfora do navio negreiro para representar o trauma histórico da diáspora africana e a violência que marcou a trajetória das mulheres negras no Brasil. Na segunda parte, *Tronco*, com 17 poemas, aprofunda a análise das opressões enfrentadas pelas mulheres negras no presente. A metáfora do tronco evoca a ideia de aprisionamento, simbolizando as diversas formas de subjugação que persistem na sociedade contemporânea. A terceira e última parte *Quilombo Geral*, com 20 poemas, representa um poderoso grito de resistência e um chamado à luta contra-hegemônica. A metáfora do quilombo, um símbolo histórico de resistência negra, é utilizada para representar a busca por um espaço de liberdade e autonomia, onde o corpo da mulher negra se torna um instrumento de resistência política.

Nos poemas *Lição de Casa* e *O Melhor do Meu Amor*, Luciene Carvalho utiliza uma linguagem poética que capta as nuances da experiência materna, expressando sentimentos de amor, sacrifício e dúvida. O eu-lírico desafia essa imagem idealizada da mãe ao revelar as contradições e os desafios que envolvem a maternidade. Sua poesia demonstra dúvidas, frustração e sacrifício, além de amor e cuidado que estão presentes nessa experiência em suas diversas vivências.

A lírica da autora debruça-se sobre os paradoxos e as tensões inerentes à experiência materna, tecendo um diálogo com o imaginário coletivo que cerca a maternidade. Contudo, essa mesma poesia ergue-se como um contraponto crítico, desarticulando os estereótipos que frequentemente aprisionam a figura da mãe na dinâmica da sociedade contemporânea.

## 1 A VOZ POÉTICA DE LUCIENE CARVALHO

A poética de Luciene Carvalho, uma das vozes mais expressivas da literatura mato-grossense contemporânea, se caracteriza pela sua força estética e seu engajamento social, com destaque para a abordagem de temas relacionados à identidade, feminino, raça e gênero. Sua obra literária não apenas reflete uma experiência pessoal, mas também se insere em um contexto maior de resistência cultural, no qual a literatura é utilizada como instrumento de voz para os silenciados e marginalizados. Carvalho, enquanto poeta preta, explora de forma incisiva as dinâmicas de opressão e empoderamento feminino, sempre com uma sensibilidade que ultrapassa o âmbito individual, alcançando dimensões coletivas.

*Na Pele* (2020), a poesia é profundamente ligada às experiências e resistências da mulher negra. A obra apresenta, de forma contundente, temas sobre a ancestralidade,

racismo, sexismo, questões sociais e a identidade feminina negra, usando a linguagem como um meio de resistência racial e reconstrução identitária dos povos afro-brasileiros. Carvalho transforma a linguagem em um instrumento eficaz, com o qual as experiências das mulheres negras são apresentadas desafiando as estruturas de opressão que tentam ocultar essas experiências. O eu-lírico luciênico, representa uma forma de resistência ao revelar o que permaneceu oculto, as vivências negras e femininas, bem como as múltiplas camadas de subjetividade que essas experiências envolvem.

A pele na obra é vista como um palimpsesto, um lugar onde diferentes histórias se encontram. A autora reescreve essas histórias sobre a pele negra, transformando o corpo negro de um lugar de opressão em um espaço de criação e afirmação. O eu-poético reformula a identidade negra feminina, criando um espaço literário no qual a pele, antes invisibilizada, torna-se visível, sensível e, acima de tudo, poderosa.

Como aponta Evaristo (2009), a literatura de mulheres negras carrega escrevivências, marcadas pela vivência da opressão, mas também pelo poder de resistência e criação de novos horizontes de pertencimento. Ao explorar a pele como símbolo de identidade e resistência, a mulher negra cria um espaço literário no qual as experiências negras são valorizadas, desafiando as forças de opressão e celebrando a resistência

O eu-poético revela, desde os primeiros versos do poema *O Melhor do Meu Amor*, uma profunda reflexão sobre a maternidade negra, a ancestralidade e a herança histórica que envolve a experiência da mulher negra. A abertura do poema, com a imagem de uma filha "que nunca tive" vivendo dentro da mãe como uma "promessa" e uma "conversa silente", sugere a existência de um vínculo afetivo que transcende o parto biológico, manifestando-se no plano do desejo, do sonho e da consciência coletiva.

Badinter (2011) aponta que a construção social da maternidade está ligada às expectativas irreais que impõem à mulher o peso de ser uma mãe perfeita. Luciene Carvalho aborda a maternidade sob um ponto de vista mais humano, enfatizando os aspectos de doação e de exaustão emocional que acompanham a descrição dos desafios de ser mãe, além de refletir sobre questões que dizem respeito à posição da mulher no mundo atual. A autora, com uma linguagem poética sensível, não apenas expõe as aflições e ambiguidades do eu-lírico materno, como também critica o modelo tradicional de maternidade imposto às mulheres.

Conforme Beauvoir (1980), a figura materna tem sido historicamente atrelada a uma expectativa de abnegação total e felicidade incondicional. Contudo, autoras contemporâneas, a exemplo de Luciene Carvalho, confrontam essa imposição, revisitando as complexas emoções de angústia e incerteza que permeiam a vivência real da maternidade.

Na tessitura de sua poética, Carvalho (2020) revela uma profunda valorização da subjetividade feminina, ao mesmo tempo em que sua escrita se insurge contra os padrões sociais que persistentemente moldam a experiência da mulher na maternidade. Suas composições poéticas lançam um olhar crítico sobre a posição da mãe e da mulher na sociedade, desvelando as amarras de papéis fixos e limitadores que, por vezes, lhes são impostos.

## 2 A DUALIDADE DA PROTEÇÃO MATERNA NO POEMA *LIÇÃO DE CASA*

Evaristo (2009, p. 28) afirma: “nossas mães contaram histórias. E as histórias foram contadas de forma que nos fez perceber que o mundo que nos esperava não seria fácil, mas que nós seríamos capazes de enfrentá-lo”, assim a relevância da tradição oral e da ancestralidade na formação da identidade e na construção da resiliência para as gerações futuras, especialmente para as mulheres negras.

A *escrivivência* de Conceição Evaristo encontra eco na obra de Luciene Carvalho ao iluminar as experiências da maternidade negra como um espaço de resistência e de luta contra a opressão. Para a autora, a maternidade é uma experiência complexa, onde a dor e a força se encontram. A escrita é uma forma de mulheres negras romperem com a invisibilidade, tornando a palavra um instrumento para resgatar suas histórias e a dignidade de seus filhos.

O poema *Lição de Casa*, o eu-lírico nos transporta para o âmago da maternidade negra, onde a proteção e a transmissão de saberes ancestrais se entrelaçam com a dura realidade da opressão racial. Nos versos iniciais, a voz poética evoca a figura materna, que, em sua sabedoria, busca adiar a dolorosa descoberta do preconceito para a filha. “Minha mãe/ me dizia, em minha meninice,/ que o preconceito não existe” (Carvalho, 2020, p. 96), revela a tentativa de preservar a inocência infantil em um mundo marcado pela discriminação.

### **Lição de Casa**

Minha mãe  
me dizia, em minha meninice,  
que o preconceito não existe.  
Fiquei triste  
quando  
eu vi  
que o preconceito existe  
e o que ele é.  
Me perguntava  
por que minha mãe não falava  
aquilo pra mim?...

Talvez  
ela tenha encontrado  
daquela forma  
um jeito  
pra não me deixar  
tão cedo  
opresso o meu peito.  
Talvez  
pra não me impedir  
de voar  
até aonde o sonho alcança...  
Descansa, mãe.  
Ja sei do mundo,  
do preço  
da pele.  
Vou pelo verso,  
vou pela poesia;  
ela é minha carta de alforria  
E o meu ingresso.

(Carvalho, 2020, p. 96-97)

O eu-lírico confronta a verdade sobre o preconceito: “fiquei triste/ quando/ eu vi/ que o preconceito existe/ e o que ele é.” Esse despertar para a realidade demonstra a dualidade da proteção materna. Ao tentar proteger a filha, a mãe acaba por privá-la do conhecimento sobre a opressão racial que ela inevitavelmente enfrentará. Esse dilema materno, entre a proteção e a preparação, é constante na experiência das mães negras, que buscam equilibrar o amor, a proteção e o preparo para um mundo que muitas vezes desvaloriza a vida de seus filhos.

O poema não apenas questiona a inocência da infância, mas também os limites da proteção materna em um contexto de racismo. A mãe, como representação poética da figura materna no poema, ao silenciar a verdade, tenta adiar o sofrimento da filha; contudo, o resultado é uma tristeza e desilusão ainda maior quando o eu lírico descobre por si só a existência do preconceito.

Carvalho (2020) usa esse relato poético para refletir sobre as estratégias de sobrevivência que as mães negras precisam adotar. A maternidade, nesse contexto, revela-se como um ato de amor e resistência, no qual a proteção se converte em um dilema inevitável. A mãe, imbuída do desejo de preservar a pureza da filha, confronta-se com a realidade que impõe desafios impossíveis de serem adiados eternamente.

O eu-lírico apresenta uma reflexão aprofundada sobre o impacto do preconceito racial e a transmissão de conhecimento entre gerações. Com simplicidade e intensidade, o poema revela a dolorosa descoberta de uma realidade que a mãe da voz poética, com

sabedoria, tentou adiar para a filha.

A mãe, ao dizer à filha, na infância, que o preconceito não existia, é retratada como uma figura protetora, cujo objetivo é resguardar a criança da opressão do racismo. A voz poética, contudo, cresce e, com o decorrer do tempo, confronta a realidade amarga: o preconceito não é apenas uma força opressora, mas também está ligado ao “preço da pele”. A mãe optou por não comentar o preconceito naquele momento inicial, talvez como uma forma de manter a inocência e a liberdade de sua filha por mais tempo, permitindo-lhe “de voar/ até onde o sonho alcança...”. De acordo com Bell hooks (2020), o conhecimento das opressões raciais desde cedo é parte essencial da formação de identidade para muitas mulheres negras; contudo, também há um esforço das famílias em preservar a infância de suas crianças contra essas duras realidades.

Ao declarar “Vou pelo verso,/ vou pela poesia;/ ela é minha carta de alforria/ e o meu ingresso”, a voz poética revela um profundo encontro com a arte como ferramenta de resistência e transformação. Essa declaração transcende a mera expressão estética, revelando a poesia como um espaço de libertação e empoderamento. A poesia não é apenas um meio de fuga ou refúgio, mas também um espaço de sobrevivência, construção de identidade e busca por liberdade.

A relação entre mãe e filhos, quando vista sob a perspectiva da experiência negra no Brasil, transcende o âmbito do cuidado materno. Ela se revela como um espaço complexo e multifacetado, carregado de significados que ecoam as lutas, resistências e legados transmitidos através das gerações. A maternidade, para as mulheres negras, transcende a mera experiência de cuidado; ela se transmuta em um ato de resistência visceral.

O amor incondicional, os sacrifícios e o zelo maternos, já intensos por natureza, ganham um peso ainda maior sob o fardo do racismo estrutural e das desigualdades sociais. Nutrir e educar, embora pilares essenciais, tornam-se apenas uma faceta da luta diária. Mães negras forjam-se como protagonistas, guerreiras incansáveis contra um sistema discriminatório que insiste em desvalorizar suas vidas e a de seus filhos. A maternidade, nesse contexto, é um grito silencioso, um ato de rebeldia e resiliência que ecoa através das gerações.

Essa tensão evidencia a carga emocional singular que as mulheres negras carregam, considerando a maternidade como uma forma de resistência e sobrevivência, ao enfrentarem as feridas históricas que continuam presentes nas vivências diárias.

Para Luciene Carvalho, no poema *Lição de Casa*, a maternidade está intimamente ligada à proteção e à transmissão de conhecimentos ancestrais, ao mesmo tempo em que é marcada pelo enfrentamento das realidades de opressão vivenciadas pelas mulheres negras. Em sua poesia, ela reflete sobre o papel das mães como guardiãs de uma herança

cultural e histórica de resistência, que precisam preparar suas filhas para enfrentar um mundo marcado pela exclusão racial.

Ao considerar a poesia como uma “carta de alforria”, Luciene Carvalho reconhece o poder transformador da arte, que proporciona liberdade e afirmação da identidade. A poesia se torna um meio de libertar-se das amarras históricas da opressão, ao mesmo tempo em que capacita a geração futura a reconfigurar sua identidade e seu lugar no mundo.

Dessa forma, a arte é um espaço de resistência e emancipação diante das dificuldades impostas pelo racismo. A poesia, portanto, não é apenas uma forma de expressão, mas um ato de resistência, que rompe com a invisibilidade e a submissão, permitindo que vozes silenciadas encontrem formas de liberdade através das palavras. A maternidade, para essas mulheres, transcende o cuidado físico e emocional, exigindo também a preparação para enfrentar as adversidades do racismo. Luciene Carvalho evidencia o conflito entre proteção e consciência, ressaltando que as mães devem, simultaneamente, nutrir o amor e a autoestima dos filhos, enquanto os preparam para as injustiças de uma sociedade que insiste em desumanizá-los.

A maternidade, assim, transcende o ato de cuidar, tornando-se também uma ação de resistência, na qual a transmissão de informações inclui a preparação para a luta contra as estruturas de exclusão.

### 3 A FILHA NÃO GERADA COMO SÍMBOLO DE CONSCIÊNCIA E HERANÇA

No poema *O Melhor do Meu Amor*, Luciene Carvalho apresenta uma profunda reflexão a respeito da maternidade negra e suas implicações em um contexto de opressão racial e social. A poeta estabelece uma ligação entre a voz poética e uma “filha” que não nasceu, abordando temas como ancestralidade, racismo, dor e resistência. Além disso, explora a ideia de uma “filha” que não nasceu, mas que existe no plano das ideias e das consciências, trazendo consigo a herança histórica, racial e cultural das mulheres negras. A relação entre mãe e “filha”, presente no diálogo poético, ultrapassa o biológico e reflete a experiência coletiva de uma mulher negra em um mundo marcado pelo racismo, exploração e marginalização.

#### **O Melhor do Meu Amor**

A filha que nunca tive  
vive em mim como promessa,  
como conversa silente.  
A gente fala e cala  
como encontro e despedida.

A gente fala da vida,  
a gente cala sentenças.  
Por vezes, a gente pensa  
sobre questões bem profundas,  
que seriam a minha e dela.  
Em mim, há uma passarela  
que vai dar numa janela  
que, dentro de mim, vejo ela.  
Não é pequenina,  
tampouco uma menina.  
Ela é uma jovem mulher  
e ela quer  
— ela quer —  
ela quer sempre saber  
qual o preço de viver  
vestindo uma pele preta,  
carregando esta história.  
A filha que não pari  
tem consciência, percebi.  
Da rota da melanina,  
é filha, neta e bisneta  
da travessia africana.  
Eu falo pra minha filha  
que cada ser é uma ilha  
de construção continuada,  
sempre multifacetada.  
E...  
Minha filha dá risada  
e me ensina:  
- Mãe, você já foi acordada!  
Sua dor é minha e sua...  
A dor de criar autoestima  
só alcançará sucesso  
se caminhar pelo avesso  
no decorrer do processo;  
andar pela rua crua.  
Mãe! Você vê, quando, na rua,  
o olho, pai da visão,  
quando enxerga a pele,  
vê a herança  
construída  
a partir da escravidão?  
Não vai haver autoestima  
sem que antes se revele  
o teatro do invisível.  
O cabelo com cacho,  
o despacho...

Não vai resolver nada  
se a emoção ficar calada.  
E o medo é mar.  
Nossas pele  
odeiam nossas peles.  
Nossas peles ainda se negam  
umas às outras.  
Sabem que a pele  
é a condenação perpétua.

(Carvalho, 2020, p.30-32)

A “filha” que não foi gerada é representada de forma simbólica como uma “promessa” e uma “conversa silenciosa”, que se expressa por meio de um diálogo profundo e revela o amor e a dor da mulher negra. Embora não tenha nascido, a “filha” demonstra ter uma profunda consciência da realidade das mulheres negras. A “filha” não se limita ao desejo de ausência, mas é uma pessoa consciente de sua condição histórica. “Ela” deseja, desde cedo, ter consciência do custo de se viver com uma pele negra, uma questão crucial para a construção da identidade negra.

No diálogo imaginário, a “filha” que “não pari” demonstra ter consciência das complexidades da vida como mulher negra, revelando uma aguda percepção da herança histórica que lhe foi transmitida. O poema ultrapassa a maternidade biológica para falar de uma maternidade simbólica, na qual o legado de dor, resistência e identidade é transmitido de forma intergeracional.

A voz poética reflete sobre a relação com a “filha”, as conversas que teriam e os pensamentos que compartilhariam. Os diálogos silenciosos revelam as injustiças e dificuldades enfrentadas pela mãe, percebidas apenas pela “filha” imaginária. A relação entre as duas é íntima, envolvendo questões profundas que dizem respeito à história racial e ao sofrimento da mulher negra.

Uma das questões centrais levantadas pela “filha” é a consciência racial e a influência da história da negritude na sua existência: “e ela quer/ — ela quer —/ ela quer sempre saber/ qual o preço de viver/ vestindo uma pele preta”. Esses versos expressam a constatação inevitável de que a tonalidade da pele afeta as vivências diárias, abrangendo desde as interações cotidianas até as questões fundamentais de identidade e pertencimento.

O poema apresenta a maternidade negra como uma forma de transmitir o conhecimento histórico; a figura da filha que “não pari” demonstra consciência dessa herança. O eu-lírico explora a ideia de que as mulheres negras não somente geram descendentes, mas também compartilham seu legado, consciência racial e resistência

histórica, elementos intimamente ligados à maternidade.

As expressões “rota da melanina” e “travessia africana” mostram a inserção da mulher negra em um contexto histórico mais amplo. A melanina, além de definir a cor da pele, também é um símbolo de uma herança racial que remete à escravidão e aos traumas coletivos sofridos pelas comunidades afrodescendentes. A palavra “filha”, usada no texto, representa essa ligação intergeracional, que liga o passado, o presente e o futuro, reforçando a continuidade dessa herança histórica.

Nos versos “Mãe! Você vê, quando, na rua,/ o olho, pai da visão,/ quando enxerga a pele,/ vê a herança/ construída/ a partir da escravidão?” Há um reflexo sensível da urgência de reconhecer as realidades raciais que permeiam o cotidiano. Ao mencionar o “olho, pai da visão”, o poema demonstra como a sociedade constrói a imagem da pessoa negra através da visão racionalizada, na qual a pele é um marcador social que carrega uma herança de opressão e dor advindas do sistema escravocrata. Essa herança, muito mais do que uma lembrança do sofrimento, tem um impacto direto nas interações diárias, onde a cor da pele é um fator determinante nas experiências de discriminação e exclusão. A indagação se a mãe “vê” essa herança ao olhar para a pele sugere a necessidade de uma conscientização coletiva e familiar sobre o peso da história no presente.

Nos versos “nossa pele/ odeiam nossas peles”, a rejeição social imposta às identidades negras é claramente expressa. A pele, componente essencial da identidade pessoal, é tratada como um símbolo de marginalização. Ao repetir o termo, o poema estabelece uma conexão íntima entre o corpo e a história coletiva de sofrimento e resistência das pessoas negras.

O verso “sabem que a pele/ é a condenação perpétua” encapsula com força o sofrimento gerado pelo racismo e pela discriminação, sugerindo que a cor da pele é vista como uma sentença de prisão social. Essa “condenação perpétua” não só reflete a racialização dos corpos negros, como também transforma a pele em uma barreira que limita oportunidades, dignidade e liberdade. O que deveria ser apenas um aspecto físico da identidade se transforma, pelo racismo, num obstáculo social.

Esse isolamento social revela o efeito duradouro do racismo, uma herança histórica que ainda influencia as experiências das pessoas negras no mundo atual. Contudo, ao enfatizar essa realidade, o poema desperta a consciência e a resistência, incitando a necessidade de enfrentar esses mecanismos de opressão que perpetuam o sofrimento racial. Demonstrem o peso histórico da opressão e a relevância de alterar essa realidade, colocando a luta contra o racismo e a busca pela dignidade como focos centrais da experiência coletiva e pessoal das pessoas negras.

A expressão “teatro do invisível” sugere um espaço simbólico onde as experiências e emoções das pessoas marginalizadas são muitas vezes ignoradas ou silenciadas. Nesse

“teatro”, o que deveria ser visível, as lutas, dores e emoções, é obscurecido pela indiferença ou pelo apagamento social. Isso reflete a maneira como, em diversas sociedades, as experiências de opressão e discriminação enfrentadas por grupos como o povo negro são ocultadas, perpetuando sua invisibilidade.

O chamado para a “saída do invisível” é um convite para expor essas experiências e dar voz às dores reprimidas. Reconhecer a dor e a luta como componentes fundamentais na construção da autoestima significa entender que o histórico de sofrimento e resistência das pessoas negras precisa ser valorizado como parte de sua identidade. Essa valorização transforma a dor em um ponto de partida para a criação de uma identidade forte, que se opõe à negação histórica de sua humanidade. Além disso, expressar os sentimentos é uma forma de resistência, a exposição das emoções reprimidas torna-se uma forma de autoafirmação.

Por intermédio da linguagem, da arte e da escrita, o que era invisível se torna visível, permitindo que a pessoa se aproprie de sua identidade e recuse ser silenciada. Esse movimento não é apenas pessoal, mas também coletivo, rompendo com as dinâmicas de opressão e permitindo que vozes antes “ocultas” sejam ouvidas e reconhecidas. Dessa forma, expressar os sentimentos é uma ação política e cultural que visa à luta pela dignidade e à valorização da identidade negra.

### **O Melhor do Meu Amor**

Palavras não constroem  
amor-próprio.  
O amor será subtítulo  
da dor exclamada.  
E dói cabelo, mãe,  
doem os dentes  
que o tempo leva,  
doem as casas pequenas  
de Cohab, favelas e grilos,  
netas daquelas senzalas.  
Doem as funções subalternas  
de salários ínfimos.  
Lixeiro, babás, seguranças,  
mulatas profissionais:  
serviços gerais,  
serviços gerais,  
serviços gerais.  
Mãe, se eu tivesse nascido,  
você teria me dito  
que todo trabalho é digno?  
Que Deus ajuda quem madruga?

De onde existo,  
a visão é tão aguda!...  
Mãe, as moças negras  
olham com expectativa  
pros meninos brancos, sim!  
E indagam:  
“Será que ele olha pra mim?”.  
As mães acham genros brancos  
uma redenção.  
As noras não!  
Pois o machismo é preconceituoso  
são forças complementares.  
Dói o negro comédia,  
o negro gente boa,  
o negro cabeça baixo para o patrão,  
que bebe no boteco, fim de tarde,  
que na noite  
repassa o açoite  
pra mulher e filhos:  
pancadas cheias de nãos.  
Mãe...  
Mãe!  
Mãe, preciso saber:  
foi por tudo isso  
que você nunca  
ajeitou pra eu nascer?  
- Não sei, filha,  
não sei...  
Talvez seja por isso  
e por muitos mais  
que você não tenha nascido  
pra este mundo, jamais.

(Carvalho, 2020, p.32-34)

Nos versos “Palavras não constroem/ amor-próprio”, o eu-lírico sugere que, em um contexto de opressão, a mera expressão de sentimentos não é suficiente para construir uma autoestima sólida. Essa ideia reflete a complexidade da experiência das mulheres negras, que frequentemente enfrentam uma desvalorização estrutural de suas identidades e vivências, tanto no âmbito pessoal quanto no social. O amor-próprio, nesse sentido, não pode ser alcançado apenas com discursos ou palavras de encorajamento; ele deve ser cultivado por meio de ações, reconhecimento e resistência contra as forças que o destroem.

O amor, que é o “subtítulo/ da dor exclamada.”, revela a ligação entre a experiência amorosa e o sofrimento, especialmente para as mulheres negras. Essa

metáfora revela que, muitas vezes, o amor é vivido sob a sombra de traumas históricos e contemporâneos, como o racismo e o sexismo. A “dor exclamada” não é uma experiência individual, mas sim um reflexo de uma dor coletiva que se propaga através das gerações, marcada pela exclusão, pela desvalorização e pela violência.

Para muitas mulheres negras, o amor não é vivido de forma plena e espontânea, mas frequentemente é entrelaçado com sentimentos de desamparo ou marginalização. Essas mulheres enfrentam a desvalorização tanto no campo afetivo quanto na sociedade, o que reforça os desafios de construir e manter um amor-próprio que resista às pressões externas. No presente contexto, o amor se torna uma constante luta pela autoafirmação e reconhecimento, desafiando as narrativas de desumanização impostas pelo racismo e pelo patriarcado.

A pergunta da voz poética da “filha”, “Mãe, se eu tivesse nascido,/ Você teria me dito/ que todo trabalho é digno?” – mergulha fundo nas complexas noções de dignidade e valor intrinsecamente ligadas ao trabalho, com um foco particular naqueles ofícios historicamente relegados às classes sociais mais baixas e, de forma ainda mais contundente, às mulheres negras. Essa indagação visceral expõe uma preocupação latente com a persistência de um sistema perverso que sistematicamente desvaloriza certas profissões, frequentemente exercidas por indivíduos já marginalizados pela estrutura social.

Dessa forma, a profunda preocupação existencial sobre o valor do trabalho e a influência de hierarquias sociais excludentes, expressa na voz da “filha”, encontra um paralelo teórico na análise de Karl Marx. Em obras seminais como o *Manifesto Comunista* (2004), Marx identifica a luta de classes como a força motriz da história. Essa dinâmica de exploração entre uma classe dominante e uma classe trabalhadora oprimida não apenas molda a trajetória da humanidade, mas também perpetua as desigualdades que subjazem à desvalorização de certos tipos de trabalho, ecoando a questão central levantada pela voz poética.

Ademais, a questão racial adiciona uma camada de complexidade particularmente sensível à experiência das mulheres negras. Historicamente relegadas a posições subalternas, sua autoestima e percepção social são profundamente afetadas. Essa subalternidade se manifesta em múltiplos domínios, desde as dinâmicas do mercado de trabalho até sua representação nos meios de comunicação e na cultura. O exercício profissional, que deveria ser um pilar de dignidade e reconhecimento, frequentemente se transmuta em um marcador de exclusão social e marginalização. Essa marginalização, por sua vez, perpetua-se nas estruturas sociais e familiares, criando um ciclo vicioso onde a necessidade materna de trabalhar para garantir a subsistência dos filhos paradoxalmente os expõe ao abandono afetivo e à violência.

Em consonância com essa perspectiva, ao evocar a figura materna como fonte de sabedoria e formação moral, a interrogação da "filha" também insinua uma busca por reconhecimento e entendimento de que o valor do trabalho não deve ser arbitrado pela opressão social, mas sim por sua intrínseca contribuição à vida e à dignidade humana. Essa realidade, ao trazer à luz uma análise crítica dos estigmas que historicamente permeiam as ocupações tradicionais das classes trabalhadoras, com um foco aguçado sobre a experiência das mulheres negras, revela uma intrincada rede de desigualdades que se imbricam no tecido social brasileiro. Estas, ao longo da história, têm sido confinadas a funções de baixa remuneração e prestígio, como serviços de limpeza e outras atividades análogas. A análise aqui proposta sugere que essa conjuntura não se restringe a uma mera disparidade econômica, mas configura-se como um reflexo de uma desvalorização estrutural profundamente enraizada, que afeta a autoestima e a percepção social dessas mulheres.

Os versos "que na noite/ repassa o açoite/ pra mulher e filhos" expõem um ciclo de violência que muitas vezes se perpetua nas comunidades marginalizadas. A palavra "açoite" não se limita à agressão física, mas também à dor emocional e às expectativas frustradas que afetam a vida do sujeito exposto a todo tipo de violência e medo, fruto do abandono afetivo.

A reiteração do chamado "Mãe..." ao longo do poema culmina em uma interrogação pungente: "foi por tudo isso/ que você nunca/ ajeitou para nascer?". Essa pergunta, imbuída de profunda dor e resignação, revela a lúcida consciência da voz poética acerca da árdua realidade que lhe aguardaria caso viesse ao mundo. Esse questionamento transcende a mera ausência física de uma filha não gerada, propiciando uma reflexão essencial sobre as intrincadas condições sociais, históricas e emocionais que permeiam a existência das mulheres negras. A questão, portanto, extrapola o domínio pessoal e individual, alcançando um patamar social ao abordar a ausência e o sofrimento como marcas indelévels da experiência negra feminina.

A insistente repetição da palavra "Mãe" estabelece uma atmosfera de súplica e busca por respostas, como se a voz poética ansiasse por uma elucidação para a privação de uma vida plena, de pertencimento genuíno e de reconhecimento incondicional. A indagação dirigida à mãe revela o anseio por compreender as razões subjacentes à não concretização dessa vida potencial, que poderia ter florescido, mas foi negligenciada ou negada por forças opressoras. O conceito de "não nascer" extrapola a dimensão meramente biológica, revestindo-se de um significado simbólico profundo: alude à impossibilidade de existir de forma integral e plena em um mundo que frequentemente marginaliza e exclui as mulheres negras.

Os versos aprofundam a complexidade da maternidade negra e da identidade,

revelando uma intrínseca relação entre a experiência materna e os desafios sociais enfrentados pelas mulheres negras. A pungente interrogação “Mãe, preciso saber:/ foi por tudo isso/ que você nunca/ ajeitou para nascer?” representa uma busca angustiante por respostas sobre a condição de ser mulher e mãe negra em uma sociedade marcada por profundos preconceitos. A incerteza da resposta “Não sei, filha,/ Não sei” sugere uma dor compartilhada, uma ausência de certezas sobre as razões que envolvem a não vinda da filha. Essa dúvida reflete a intrincada complexidade da maternidade e as significativas implicações sociais e históricas que permeiam essa relação.

No poema *O Melhor do Meu Amor*, a voz poética desvela a complexidade da maternidade negra, onde a transmissão de afeto e a luta visceral contra o racismo se entrelaçam intrinsecamente. O trecho a seguir explicita as múltiplas “camadas” de resistência arduamente construídas para proteger a prole da desilusão e da opressão sistêmica, revelando a dura realidade de um cotidiano marcado pela necessidade de autoafirmação constante e pela urgência de preservar a identidade.

### **O Melhor do Meu Amor**

São tantas camadas  
bem arrumadas,  
bem construídas,  
que fazer parte  
do povo preto  
vai enganado sonho.  
“Não tem preconceito”  
“A lei garante”  
Filha, o teatro psicoterápico  
de todo dia,  
entre o acorda  
e o ir pra vida,  
olhar pra cara e dizer:  
“Preto é lindo”.  
Pegar no cabelo:  
“Meu cabelo é belo!”  
Eu me gosto,  
Eu me gosto!”.  
Dizer a cerimônia diária  
e subir na linha tênue  
de onde caio  
e me vejo feia,  
menor.  
E saio  
arrastando uma fala  
falsa.

De real  
é o esforço  
de ser uma pessoa  
como as outras,  
como se esforço  
necessário fosse.

(Carvalho, 2020, p.34-35)

A menção a “tantas camadas / bem arrumadas,/ bem construídas” evoca a natureza multifacetada e intrinsecamente complexa da identidade da mulher negra, edificada sobre um alicerce de experiências históricas e culturais profundas. A expressão “que fazer parte/ do povo preto/ vai enganado sonho.” revela a desilusão lancinante que frequentemente acompanha a busca por integração em um mundo que, em muitas instâncias, teima em negar ou marginalizar a identidade negra. Nesses versos pungentes, o eu-lírico expõe a elaborada construção de uma identidade que se apresenta, simultaneamente, como rica em sua ancestralidade e permeada por desafios persistentes.

As afirmações irônicas “Não tem preconceito”/ “A lei garante.” escancaram a hipocrisia das promessas sociais que, frequentemente, se revelam ilusórias. Essas declarações mordazes configuram uma crítica contundente do eu-lírico à falaciosa ideia de que as profundas desigualdades raciais foram plenamente superadas meramente através de promulgações legais, sem um genuíno e efetivo compromisso com a transformação das estruturas sociais enraizadas. Essa crítica perspicaz reveste-se de crucial importância para a luta antirracista, ao evidenciar que a mudança substancial deve transcender a superficialidade das leis, demandando uma reconfiguração profunda do tecido social.

A metáfora “e subir na linha tênue/ de onde caio/ e me vejo feia,/ menor” escancara a fragilidade da autoimagem e a luta incessante contra as imposições sociais que, com frequência, ditam arbitrariamente o que é considerado belo e aceitável. A mulher negra, ao se confrontar com padrões de beleza hegemônicos e eurocêntricos, pode vivenciar um profundo sentimento de inadequação, o que reflete a dolorosa luta interna entre a busca por autoaceitação e a pressão para negar sua própria identidade.

Os versos “arrastando uma fala/ falsa.” revelam a intrincada complexidade da experiência das mulheres negras em uma sociedade que, amiúde, as marginaliza e as compele a renegar sua autenticidade. Essa “fala/falsa” representa a dolorosa necessidade de se conformar a padrões estéticos e comportamentais eurocêntricos, que não apenas desconsideram, mas também subvertem a beleza e a rica diversidade da cultura negra.

A constatação de que o “esforço/ de ser uma pessoa/ como as outras,/ como se esforço/ necessário fosse.” escancara a pressão exaustiva imposta às mulheres negras para se integrarem em uma sociedade que, frequentemente, marginaliza sua identidade e

experiência multifacetada. Essa pressão decorre da tentativa constante da sociedade em reduzir sua rica individualidade a estereótipos raciais e de gênero simplistas, negando sua complexidade intrínseca, conforme vivenciado de maneira singular pelas mulheres negras, cuja existência é profundamente marcada pelo racismo estrutural, pela discriminação interseccional e pela violência sistêmica.

Essa extenuante necessidade de adequação não deveria ser imposta; ela configura uma crítica contundente à pressão social perversa que artificialmente cria a obrigatoriedade de se adaptar e se submeter a padrões hegemônicos que não apenas ignoram, mas também subvertem a realidade vivenciada pela mulher negra. Essa imposição remete diretamente a padrões histórica e culturalmente construídos a partir de uma perspectiva eurocêntrica e patriarcal, que sistematicamente desvaloriza, invisibiliza e exclui a cultura, a estética e a experiência singular da mulher negra da participação plena e equitativa na sociedade.

### **O Melhor do Meu Amor**

"De real  
é o elevador de serviço,  
é a cesta de comida  
vendida ambulante.  
De real  
é o seguir adiante.  
Pra quê?  
Se o que digo  
não se dá comigo.  
Odeio palavras tais como:  
"simpática",  
"trabalhadeira".  
"Essa ai é ótima cozinheira".  
"Seu dinheiro só sai segunda-feira".  
Pra que, filha?  
E tem hospício,  
e tem divórcio,  
a herdada pressão alta.  
Talvez a vida  
não lhe faz a falta.  
Descansa em mim.  
Quem sabe, em outro tempo,  
num outro ventre,  
num Brasil que não separe  
gente de gente  
pela cor de pele,  
pelo pano,  
pelo posto,

pelo bolso,  
pela cor.  
Repousa em mim.  
Esse é o melhor  
do meu amor.

(Carvalho, 2020, p.35-36)

Luciene Carvalho prossegue com uma crítica veemente às dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras, usando metáforas e imagens poderosas que remetem à luta, ao sofrimento e à esperança.

Nos versos “Quem sabe, em outro tempo, / num outro ventre, / num Brasil que não separe” reside uma visão de esperança e mudança, um anseio por um futuro em que a divisão e a desigualdade não sejam mais a norma. A voz poética vislumbra um Brasil transformado, onde o racismo estrutural e as injustiças sociais não encontrem guarida. A ideia de um futuro em que “gente de gente/ pela cor de pele,” não é separada, sugere um anseio profundo por um mundo mais justo e igualitário. Essa visão utópica transcende a mera esperança, representando um clamor por uma transformação radical das estruturas sociais que perpetuam a discriminação racial. esperança é um chamado à transformação, um desejo de que as gerações futuras possam viver em um Brasil livre das amarras do racismo e da desigualdade.

Os versos finais do poema “Repousa em mim./ Esse é o melhor/ do meu amor” evocam um profundo sentido de acolhimento e proteção. O amor é representado como um refúgio, um espaço seguro onde a dor e as lutas podem ser compartilhadas. O trecho pode ser interpretado como um legado de amor e resistência, enfatizando a importância da ligação emocional e da força ancestral. Sendo assim, o “melhor do amor” é aquele que reconhece a dor, mas também oferece um espaço para a esperança e a renovação.

No poema, a maternidade transcende a esfera pessoal e afetiva, sendo apresentada como um legado histórico-cultural profundamente marcado pela dor da diáspora africana. A maternidade negra, portanto, vincula-se intrinsecamente à noção de transmissão de sofrimento e, simultaneamente, de resistência resiliente, pois a filha é explicitamente definida como “é filha, neta, bisneta/ da travessia africana” (2020, p. 30). Consequentemente, a experiência de ser mulher negra implica carregar o peso ancestral de séculos de escravidão brutal e discriminação sistêmica, elementos que inelutavelmente moldam a identidade de cada nova geração.

Mesmo antes de vir à luz, a “filha” concebida na poética de Carvalho (2020, p. 30) demonstra uma compreensão visceral da ancestralidade que a molda. Seu questionamento à mãe sobre “qual o preço de viver/ vestindo uma pele preta,/ carregando essa história” revela um traço distintivo da maternidade negra: a consciência

da transmissão intergeracional de um legado complexo, tecido com os fios da dor lancinante e da resistência resiliente. Essa indagação primária, brotando de um ventre ainda vazio, explicita a percepção de que gerar uma filha negra implica inevitavelmente a transferência de uma herança marcada por séculos de luta implacável e sofrimento profundo, um fardo histórico que ecoa através das gerações e clama por enfrentamento corajoso.

Em continuidade a essa profunda apreensão da herança ancestral e do peso da identidade racial, o diálogo transcendente entre mãe e filha, mesmo antes do nascimento, estende-se à relação visceral das mulheres negras com seus próprios corpos, em particular o cabelo e a pele. A "filha", imbuída dessa consciência latente, questiona a árdua jornada de construção da autoestima em um contexto social que, historicamente, tem sistematicamente rejeitado e estigmatizado os traços negros. O verso "Dói cabelo, mãe", ecoa o sofrimento arraigado e a discriminação persistente que inúmeras mulheres negras enfrentam no campo da estética e da autoaceitação. O cabelo crespo, em específico, permanece um alvo frequente de estigmatização e tentativas de controle, e a luta incessante para afirmar sua beleza autêntica configura-se como parte intrínseca do esforço cotidiano para edificar uma identidade positiva, resiliente e orgulhosa.

A luta pela sobrevivência, pela dignidade e pelo reconhecimento obstaculiza as possibilidades de muitas mulheres negras exercerem a maternidade em sua plenitude, uma vez que estão frequentemente sobrecarregadas com trabalhos precários que não lhes concedem tempo ou espaço para se dedicarem plenamente a seus filhos. A mãe, no poema, reflete sobre a dolorosa escolha de não trazer sua filha ao mundo, pois "talvez a vida/ não lhe faça falta.", sugerindo que as condições atuais tornam a existência uma batalha incessante contra a opressão.

Em última análise, a figura materna na poesia de Luciene Carvalho emerge não apenas como aquela que nutre e protege, mas também como aquela que prepara suas filhas para a inevitável confrontação com um mundo que teima em rejeitar, oprimir e desumanizar suas existências. E, ao final dessa jornada poética carregada de emoção, o "melhor do amor" materno revela-se na oferta de um refúgio seguro, na promessa latente de uma esperança de que, em um outro tempo, outro espaço, a vida possa finalmente ser vivida em sua inteireza, despojada das dolorosas e pesadas camadas de sofrimento impostas pelo racismo estrutural e pelo machismo perverso.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas *Lição de Casa* e *O Melhor do Meu Amor* de Luciene Carvalho, convergem em uma crítica contundente ao "ideal romantizado da maternidade", especialmente no contexto da experiência da mulher negra no Brasil. A voz poética, ao se desdobrar em

reflexões e críticas sociais, revela as complexidades e os desafios enfrentados pelas mães negras, que transcendem a mera experiência do cuidado materno. Seus versos, carregados de sentimentos ambivalentes, mostram como o amor materno é entremeado por dúvidas, frustrações e angústias, oferecendo uma visão sincera e humana sobre o papel da mãe.

Ao abordar a maternidade de forma crua e sincera, Carvalho desafia os estereótipos tradicionais e propõe uma nova forma de enxergar essa figura feminina, que muitas vezes é sufocada pelas expectativas sociais. Nos poemas analisados, a autora desconstrói o ideal da "mãe perfeita", mostrando como as mulheres são frequentemente sobrecarregadas pelas demandas emocionais e práticas que acompanham a criação de filhos.

A poesia de Luciene Carvalho não apenas reflete sentimentos pessoais, mas também se coloca como uma crítica às imposições sociais sobre a maternidade, convidando o leitor a refletir sobre essa experiência de maneira mais realista e profunda. Ao dar voz a uma mãe que qutora humaniza a figura materna e a retira do "pedestal da perfeição" inatingível.

Dessa forma, a obra poética de Luciene Carvalho insere-se no contexto de uma literatura feminina contemporânea que questiona suas próprias escolhas, expressa cansaço e dúvidas, valoriza a subjetividade feminina em suas múltiplas nuances e abre espaço para a diversidade de experiências maternas. Seus poemas, ao mesmo tempo que emocionam pela delicadeza e honestidade visceral, também desafiam o leitor a repensar a maternidade como uma complexa construção social carregada de expectativas frequentemente irreais e opressoras. Por meio dessa crítica perspicaz, a poetisa amplia a discussão sobre o papel multifacetado da mulher e da mãe na sociedade contemporânea, promovendo uma reflexão profunda, necessária e libertadora.

## REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. "E Agora Falamos Nós': Literatura Feminina Afro brasileira". **Revista Literafro**, Belo Horizonte, 2018, p. 1-25. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-%20teorico-conceituais/157-moema-parente-augel-e-agora-falamos-nos>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, 2003.

CARVALHO, Luciene. **Na Pele**. 1. Ed. Cuiabá-MT: Carline & Caniato Editorial, 2020.



DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane. **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária – UFPB, 2009.

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

Título em inglês:

THE REPRESENTATION OF MOTHERHOOD IN THE POEMS *HOMEWORK* AND *THE BEST OF MY LOVE* BY LUCIENE CARVALHO